

***Terrain Vague*, de Ignasi de Sola-Morales**

Rui Mendes

Arquiteto, doutorando no IST

Para citação: Mendes, Rui – *Terrain Vague*, de Ignasi de Sola-Morales. **Estudo Prévio** 1. Lisboa: CEACTION/UAL - Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2012, p. 112-114. ISSN: 2182-4339 [Disponível em: www.estudoprevio.net].

Creative Commons, licence CC BY-4.0: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

TERRAIN VAGUE, Para uma renovada cartografia do espaço urbano

“Habitúamo-nos a julgar a obra à luz da sua adequação face ao aparato; talvez seja tempo de começar a julgar o aparato à luz da sua adequação face à obra” George Brecht, 1930.

01

TERRAIN, extensão de solo de limites imprecisos, de carácter urbano e estranhos à eficácia produtiva da cidade.

VAGUE, vago como ausência de uso, mas em simultâneo como potência do porvir, expectante e disponível, onde as questões identitárias invisíveis contêm algum espectro de revelação.

É sobretudo em torno do trabalho de alguns fotógrafos que, nos anos 1970, dirigem o olhar sobre os espaços urbanos em falência, tornados obsoletos, desativados e esquecidos no curso da expansão urbana do pós-2ª guerra mundial, que o ensaio de Sola-Morales (1995) constrói uma nova cartografia do espaço urbano. O fascínio por estes “novos” espaços é exponenciado na designação **TERRAIN VAGUE**, e no que ela contém de múltiplos significados e ambiguidades. Indicia uma dupla condição: a estranheza perante espaços que se encontram fora do domínio genérico de uma ocupação reconhecível e, portanto, apaziguadora e conformadora; o sentido de liberdade e de crítica no interior “mental” da cidade, um espaço alternativo de fuga e impunidade para a construção de outras identidades.

Sola-Morales convoca para a sua reflexão o pensamento de vários autores que lhe permitem consolidar uma caracterização do sujeito urbano face a estes territórios de indefinição. Na época da estranheza perante o mundo (Marquand citado por Sola-

Morales) as imagens fotográficas destes TERRAIN VAGUE têm o poder de se converter em indícios, como “índices mais do que ícones” (Kraus, 1985), que fazem eclodir problemas éticos e estéticos no interior da vida social contemporânea.

Concentrando a problemática na resposta a estes espaços imprecisos, Sola-Morales convida em simultâneo a um olhar renovado sobre a cidade consolidada a partir dos espaços que ficaram de fora de uma determinada ideia de urbanidade.

A posição assumida neste ensaio, com quase 20, anos inaugura uma nova e complexa sensibilidade que conduz a um questionamento dos valores hegemónicos (que Sola-Morales associa à herança moderna de matriz iluminista), que se vêm revelando inadequados em muitas intervenções nos interstícios e espaços residuais na cidade existente.

Em contraponto ao modo como a arquitetura tem vindo a produzir critérios de uniformização genérica, refém de modelos que assentam essencialmente em edificar qualquer “vazio”, são sobretudo artistas e cineastas que têm revelado entusiasmo por estes espaços de conotações negativas, ativando noções de pertença através da preservação e registo da sua memória.

Os espaços marginais, em estado transitório, que resistem às estratégias de poder e à imposição de identidades, transportam, na sua frágil condição, características que permitem sustentar elos de ligação e de continuidade dos vários tempos de transformação da cidade. Contêm ainda a possibilidade de encontrar para a arquitetura um desempenho que não esteja exclusivamente do lado da produção da forma, do ótico e do figurativo. Em conclusão, Sola-Morales sublinha esta ideia como uma procura dos sistemas de forças em lugar das formas, do encaixe em lugar do autónomo, do rizomático em lugar do planeado.

02

Desde a sua primeira publicação em 1995¹, que os Terrenos Vagos das cidades ganharam outra condição de visibilidade e motivaram reflexões várias. Retomando experiências anteriores como a *Derive* (Debord, 1956) (que instala através do quotidiano e do banal uma experiência de intervenção urbana, como materialização de um modo alternativo de habitar a cidade) e propostas mais recentes como as “Áreas de impunidade” (Ábalos e Herreros, 2002), o contexto atual propicia a releitura destes princípios de ação, agora a partir de uma segunda natureza de ativação: a construção de apropriações mais plurais com programas e usos em mutação, para uma recriação permanente do espaço urbano. Construir o espaço construído.

Bibliografia

- ÁBALOS, Inaki; HERREROS, Juan - Áreas de impunidade. Barcelona: Actar, 2000.
DEBORD, GUY - *Theory of the Dérive*. Les Lèvres Nues #9 (Paris, November 1956).
Reprinted in *Internationale Situationniste* #2 (Paris, December 1958).
KRAUS, Rosalind – *The originality of Avant-Garde and Other Modernist Myths*.
Massachusetts: MIT Press 1985.



SOLA-MORALES, Ignasi - Terrain Vague. In Territórios. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2002, p. 183-193.

¹ A primeira apresentação do texto do arquiteto catalão Ignasi de Sola-Morales teve lugar num seminário académico no *Canadian Centre for Architecture*, em Montreal no Canadá, em 1994. Enquadrado numa série de conferencias intituladas ANYONE, as *ANY conferences* decorreram na última década do séc. XX, à razão de uma por ano, subordinadas a temas que tiveram como base as 10 composições da palavra ANY no dicionário inglês. ANYPLACE foi a quarta conferência, em 1994, e cujos trabalhos vieram a ser publicados em 1995. Em 2002, é publicada numa coletânea de textos sob o tema TERRITÓRIOS pela editora Gustavo Gili. É o primeiro volume de um conjunto de 5 livros que reúnem os textos mais relevantes de Ignasi de Sola-Morales, publicados entre 2002 e 2006.